

## **Gênero e educação, precisamos falar sobre isso.**

Ivanisy Amaral Capdeville<sup>1</sup>; Mayane da Silva Melo<sup>2</sup>, Hiago de Souza Tavares<sup>3</sup>

<sup>1</sup>IFF; <sup>2</sup>ISEPAM; <sup>3</sup>UFF

\*icapdeville@iff.edu.br

### **RESUMO**

O presente trabalho busca elucidar questões de gênero nos ambientes escolares. Tem-se a intenção de fazer um pequeno percurso histórico acerca de como a sociedade tem visto e avaliado as concepções de gênero. Buscará ainda reafirmar uma escola emancipadora, em que se vê necessário esclarecer para a sociedade civil e também todos os colaboradores do sistema educacional, vertentes científicas e históricas do gênero e destacar seu papel fundamental para uma sociedade igualitária e menos violenta.

### **INTRODUÇÃO**

As pesquisas em torno da educação tem buscado compreender esse campo articulado com o todo social, destacando as contradições da sociedade capitalista com classes antagônicas. Porém, existem outras contradições sociais na educação que não podem ser negligenciadas, tais como gênero, sexualidade(s), raça e religião.

As discussões envolvendo gênero e sexualidade tem obtido atenção popular e, por isso, estão presentes em debates especializados, na sociedade civil organizada e também nas instâncias políticas, dividindo as bancadas entre defensores e opositores a educação sexual e de gênero no currículo da Educação Brasileira. Recentemente, o assunto voltou à tona com uma entrevista do Ministro da Educação publicada pelo jornal O Estado de São Paulo, no dia 24/10/20. Para Milton Ribeiro, *“É claro que é importante mostrar que há tolerância, mas normalizar isso, e achar que está tudo certo, é uma questão de opinião. Acho que o adolescente que muitas vezes opta por andar no caminho do homossexualismo (sic) têm um contexto familiar muito próximo, basta fazer uma pesquisa. São famílias desajustadas, algumas. Falta atenção do pai, falta atenção da mãe. Vejo menino de 12, 13 anos optando por ser gay, nunca esteve com uma mulher de fato, com um homem de fato e caminhar por aí. São questões de valores e princípios”*. Na mesma ocasião o Ministro reitera que o combate a ideologia de gênero é uma das principais diretrizes de sua gestão.

Pelo exposto, verifica-se que o tema é equivocadamente confundido com erotização e estimulação precoce da sexualidade de crianças e adolescentes. É comum a utilização de argumentos de caráter valorativo, sobretudo quando ganha reforço da mídia e das autoridades políticas, que colaboram para a divisão de opiniões na sociedade e insegurança das famílias e, até mesmo dos educadores, na abordagem do assunto. Contudo, as históricas desigualdades entre meninas e meninos, entre homens e mulheres são produzidas socialmente e a escola, bem como outras instituições, contribuíram ao longo do tempo para esse cenário. No presente trabalho a categoria gênero aparece com potencial para compreensão dessas desigualdades e como temática essencial para uma educação transformadora

## DISCUSSÃO

Quando as desigualdades entre homens e mulheres são estabelecidas e reiteradas pela Igreja, pela escola, pelo Estado, pela ciência e pelos próprios sujeitos nos deparamos com uma sociedade cujas mulheres: têm um itinerário formativo menor que os homens, são pior remuneradas que os homens que ocupam os mesmos cargos, não tem representatividade na vida pública e convive com altos índices de violência que se materializam em assédio, importunação sexual, espancamentos, abusos, violações, estupro, feminicídios e outras situações que se estendem também à população LGBTI+.

Educar sob a perspectiva de gênero passa longe daquilo que os opositores chamam de ideologia. A americana Joan Scott<sup>1</sup> apresenta o gênero como uma categoria fundamental para compreensão da sociedade. A autora chama a atenção para a necessidade de se entender o gênero enquanto a relação entre os sexos, de como é assegurado um significado para os conceitos de homem e mulher e as práticas pelas quais os significados da diferença sexual são definidos, permeadas pelas relações de poder.

Ainda com o propósito de trazer referências conceituais, destacamos que O Manual de Comunicação LGBTI+<sup>2</sup> aponta que sexualidade tem a ver com intercâmbios sociais e corporais que compreendem desde erotismo, desejo, afeto até questões de saúde e reprodução.

Na ausência da compreensão desse conceito, as propostas de se discutir gênero e sexualidade nas escolas, esbarram frequentemente na negação de sua importância. O tema não é novo no Brasil, mas nos últimos anos voltou a ser combatido como ideologia nas

instâncias políticas, que por vezes usam argumentos científicos sob uma ótica moral, quando, por exemplo, associam atributos físicos e biológicos das mulheres à sua competência, inteligência e temperamento.

Marilena Chauí<sup>3</sup> nos mostra que no princípio do século XX, Rui Barbosa, uma respeitada figura política brasileira, combatia as turmas mistas valendo-se da ciência. Para ele, a co-educação dos sexos *“estimula a atitude da emulação (imitação, rivalidade e competição) entre os sexos e a emulação ”atua com energia notavelmente superior no sexo feminino, altera, podemos dizer quase invariavelmente, a saúde do organismo normal da mulher, preparando a extenuação crescente das gerações que se sucedem”*. Portanto, colocar a moça nessa competição com o rapaz é *“submeter à prova desse violento estimulante o amor-próprio, o brio, a sensibilidade, tão melindrosos na moça; é imprudência e artifício”*. Avançamos nesse aspecto e as escolas já não separam fisicamente meninos e meninas. Mas ainda convivemos com outros marcadores da diferença menos evidentes: brincadeiras de meninas e brincadeira de meninos, cursos técnicos e graduações com baixa representatividade feminina e feminização do magistério outros.

Mary Del Priore<sup>4</sup> conta que em 1930 foi lançado o livro “Educação sexual, guia para os pais e professores, o que precisam saber e como devem ensinar”. O sumário do livro trazia os temas higiene e resguardo dos órgãos sexuais para evitar atos errôneos e inconvenientes à saúde e a moral até os doze anos. O livro de Sebastião Mascarenhas também dizia quem e quando se passariam essas noções. Na ausência dos pais a tarefa cabia aos professores. A historiadora relata que no ensino primário e ginásial, os alunos mais velhos tinham direito a palestra com o médico escolar para prevenção de doenças. Já as meninas com mais de 18 anos ficavam a cargo das professoras ou as guardiãs da Saúde. E no ensino secundário, o assunto era tratado pelos professores de história natural e higiene. Vale destacar a observação do autor do livro a respeito dos internatos. Para ele, esses espaços mereciam a maior atenção no que se refere a vícios e anormalidades sexuais como “masturbação e pederastia”. Essa nota nos leva a supor que, para Sebastião Mascarenhas, a ausência de uma família nos moldes tradicionais ocidentais, tornaria os jovens mais propícios a homossexualidade e outras práticas consideradas anormais. Consideramos que tal entendimento de 1932, ecoa no pronunciamento do atual Ministro da Educação, grifado pelo determinismo e pelo desprezo à multiplicidade de arranjos familiares.

Quando se fala de forma compromissada sobre das questões de gênero e sexualidade na escola o objetivo é colaborar para a formação integral dos sujeitos críticos, conhecedores dos seus direitos e deveres e dispostos a transformar a sociedade violenta e desigual em que vivemos. Sendo a escola um espaço privilegiado de socialização e conhecimento, importa que sejam compartilhados saberes que contribuam para saúde dos estudantes, como prevenção de ISTs, gravidez precoce, autocuidado e que, além disso, promovam o respeito à diversidade e a garantia de direitos.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. New York, Columbia University Press. 1989.
- 2 - REIS, T., org. Manual de Comunicação LGBTI+. 2ª edição. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI / GayLatino, 2018.
- 3 – CHAUI, Marilena. *Repressão Sexual: Essa Nossa (Des)Conhecida*. São Paulo: Brasiliense. 1991
- 4 - DEL PRIORE, Mary. Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Planeta, 2011.